NÚMERO ÚNICO
CONSAGRADO AO
75.º ANIVERSÁRIO DO
RESSURGIMENTO
DAS FESTAS NICOLI-
NAS EM GUIMARÃES

OS "VELHOS,,

1895--1970

O ‹PINHEIRO›

Desenho do Eng. JOSÉ MARIA GOMES ALVES.

.....

Se Nicolau ressurgisse
E viesse a Guimarães,
Abraçava esta *velhice*
Os velhos Pais e as Mães

.....

Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães

O que não foi, o que é e o que poderá ser...

"ASSOCIAÇÃO dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães»: eis uma coisa que começou por não existir, como o direito romano ou, mais prosaicamente, uma coisa que antes de ser já o era, como a pescada da história... Mas eu conto:

Pela boquinha da noite de 29 de Novembro de 1895 começaram a aparecer na «Fraga do Cano», vindos em grande número pela desaparecida rua de Santa Cruz, os estudantes externos do velho Seminário-Liceu, que para aquela afamada taverna haviam marcada reunião magna.

Abancados às compridas mesas que serviam os lavradores que aos sábados vinham feirar os seus gados, banquetearam-se com um rico caldo verde, onde nadava a tora de presunto, seguindo-se-lhe uma opípara rojoada a que não faltava o fígado, a tripa farinheira e os grelinhos embebedados em azeite do fino, do do Padre de S. Miguel, terminando com umas papas de sarrabulho de comer e morrer por mais e umas travessas de aletria, marelinhas e brilhantes, graças a uns pòzinhos comprados no droguista, já que os ovos estavam pela hora da morte, dada a vizinhança do Natal. E tudo isto regado com um verde tinto de se lhe tirar o chapéu, que muito ajudava à digestão de tão pesada como abundante comezaina.

Terminada esta, muniram-se os circunstantes, que já então envergavam jalecos e coletes e se cobriam com o barrete verde e vermelho do lavrador minhoto, das baquetas e maçanetas consoante as «caixas» e «zabumbas» que lhes competissem e trataram de completar o cortelo, já em organização sob a carvalha do Cano: à frente, o carro de Minerva, deusa da Sabedoria, logo seguida do numeroso grupo dos «Zés P'reiras», atroando os ares com o seu cadenciado zabumbar; seguiam-se muitas dezenas de juntas de gado, que puxavam o pinheiro mais alto e mais aprumado que as luxuriantes matas de Aldão haviam produzido; a fechar, a música dos «Aguças», que, em tanto arruído, mal fazia ouvir os acordes do Hino de S. Nicolau.

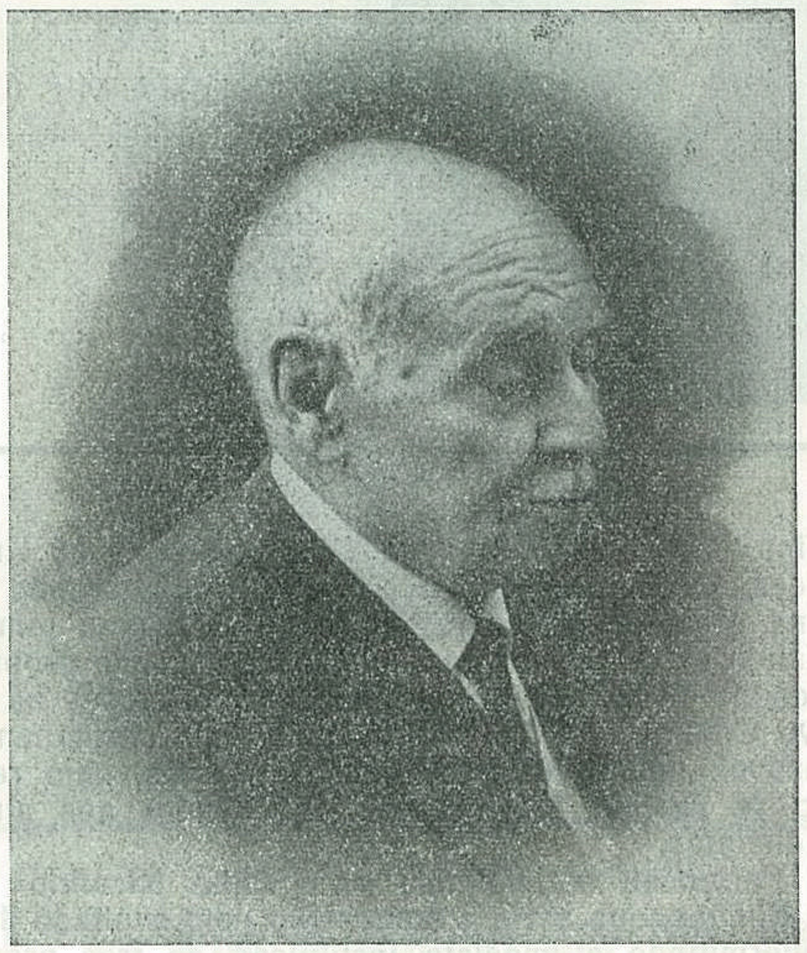
Sempre entre compactas alas de povo, desceu o cortejo a tortuosa e íngreme rua dos Palheiros, percorreu a rua de Santo António, atravesssu o Jardim do Toural e o Terreiro de S. Francisco e, metendo pelas ruas de S. Dâmaso e Traz-o-Muro, desembocou no Campo da Feira, onde seria erguido o «pinheiro gigante, anunciando ao mundo a Festa do Estudante».

Entretanto, a malta percorria as ruas da cidade rufando em frente de associações e hotéis, até que içassem nos seus mastros as respectivas bandeiras em honra à Festa Nicolina, que acordava de uma hibernação de doze anos para continuar pelos séculos em fora a tradição que de longos séculos promanava.

E a Festa contiuou até final: Magusto e Posses em 4 de Dezembro, corteio e Pregão no dia 5 e Maçazinhas e Danças em 6, dia do patrono S. Nicolau, sem esquecer em toda a semana as madrugadas à capelinha da Senhora da Conceição para abrilhantar com o rufar dos seus tambores as novenas rituais. E toca de estugar o passo porque as aulas abriam às 8 e os Srs. Cónegos da Insigne e Real Colegiada não perdoavam faltas por quererem manter os seus créditos, sempre confirmados aliás, de constituirem o corpo docente mais culto do ensino secundário de então.

1920! Vinte e cinco anos são passados sobre a restauração das Festas Nicolinas e há que não deixar passar em branco a efeméride.

E não se deixou! «Os Velhos Nicolinos» juntaram-se aos novos, engrossando a «orquestra» infernal dos zabumbas na entrada triunfal do Pinheiro e tomando parte nos restantes números do Estatuto. Além disso, realizaram no velho D. Afonso Henriques um sarau, que teve de ser repetido tal foi o pedido de bilhetes. Nele tomaram parte dezenas de «Velhos». «A Ceia» do Padre Roriz, as «Danças dos Velhos» e outros números enchiam o programa. As senhoras, de cabelo empoado, lançavam para o palco braçadas de flores, que eram agradecidas com ma-



DR. NUNES SIMÕES — grande impulsionador dos Prémios Escolares atribuidos pela Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães.

drigais à moda antiga. Radiantes, os mais velhos de nós todos, Alvaro Casimiro, Jerónimo Sampaio, Carlos Abreu, Padre Alfredo Correia, dr. Alberto Martins Fernandes, João de Campos, António Pádua e tantos, tantos outros andavam numa roda viva.

1945! Bodas de oiro. Cinquenta anos a contar da Restauração. Nova celebração, que em nada ficou a dever à anterior: ceia no velho liceu, participação nas Festas e novo sarau, já no Teatro Jordão, artìsticamente engalanado; nova repetição, para satisfazer pedidos; muita alegria, muita efusão. Doce saudade!, amarga saudade: Delfim de Guimarães, Fernando Lindoso, Matos Chaves, António Costa, Torcato Simões e sei lá mais quantos!...

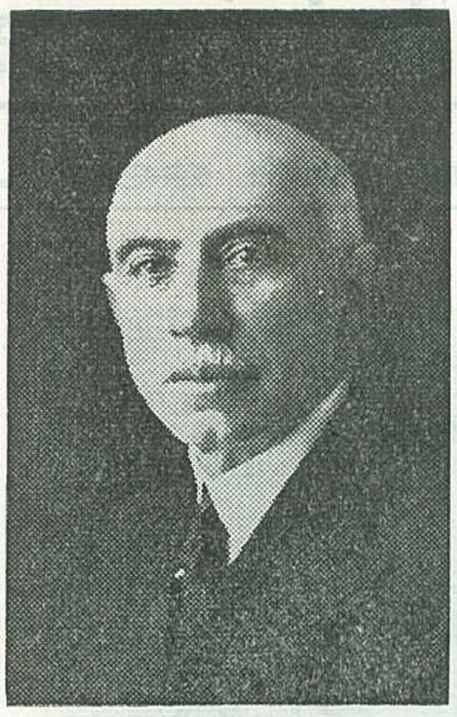
Mas desta festa mais alguma coisa ficou: uma vintena de contos sobejou no final. Com eles se compraram obrigações do Estado, de que anualmente se entregava uma ao aluno mais distinto do Liceu. E os anos foram correndo, nunca esquecendo aos «Velhos» a ceia tradicional que passou a ser cada vez com maior número.

E assim chegamos ao ano de 1960 e, com ele, à última obrigação. Foi então que alguém se lembrou de propor na ceia desse ano a criação duma colectividade com personalidade jurídica, que congregasse todos os antigos alunos do nosso velho Liceu. Aprovada a proposta, logo se nomeou comissão para proceder às necessárias diligências que concretizassem uma ideia que andava no subconsciente de todos: A Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, que viu os seus Estatutos aprovados por despacho ministerial de 17 de Julho de 1961. «O que não foi» criou corpo porque alma já a tinha. E há muito!

* * *

Conhecida a existência da nova colectividade, acorreram as adesões de toda a parte, de todas as classes, de todas as profissões: Purpurados da mais alta estirpe, Magistrados da mais elevada hierarquia, Ministros e Diplomatas, Professores e Jornalistas, Engenheiros, Médicos e Advogados, Comerciantes e Industriais, Lavradores, Funcionários, Empregados no comércio... uma multidão heterogénea que se amalgamou numa designação única: a de «Velho Nicolino»!

Obedecendo às prescrições dos Estatutos, a Associação, que tem a sua sede no Castelo dos Almadas, graciosamente cedido pela vereação da presidência do «Velho



JERÓNIMO SAMPAIO

Nicolino» Eng.º João Mendes Ribeiro, auxilia os alunos do Liceu, «Velhos» de amanhã, não só colaborando com eles na organização da festa tradicional, como também auxiliando os de menos possibilidades, pagando propinas, fornecendo livros didáticos, facultando refeições na respectiva Cantina, etc., etc. Tem um Fundo permanente e inalienável, que ronda a centena de contos, cujo rendimento se destina à concessão de prémios aos alunos mais distintos.

Pertenceu a iniciativa ao «Velho Nicolino» Dr. Nuno Simões, que abriu a subscrição com avultado donativo, permitindo a imediata instituição de três prémios preiteando a memória de venerandos mestres: Cónegos Gonçalves Sanches e José Maria Gomes e Prof. José de Pina.

Seja dito que o Dr. Nuno Simões — e não devo estar em erro — foi o aluno mais classificado de sempre, revelando desde moço o estadista, o jurisconsulto e o jornalista que viria a ser, hoje conhecido de quantos falam a língua portuguesa. Está em aberto a consagração que a Associação em tempos projectara mas que a sua saúde não permitiu concretizar. Oxalá que, por todas as razões, ela possa ter lugar dentro do ciclo das comemorações em curso.

1970! Bodas de diamante! 75 anos ininterruptos de Festa Nicolina. E desta vez, como é óbvio, cabe à Associação o encargo de os celebrar condignamente. Por compreensível e louvável escrúpulo, limitou-se a direcção por agora, a preencher o primeiro dia das comemorações com o programa já distribuído, uma vez que tal dia coincide com o último do seu mandato. Sei, no entanto, que está nas suas intenções, se for reeleita, ou sugerir, se o não for, erguer à altura do evento essa celebração, alargando-a até à Festa de Despedida aos Finalistas, que também já criou raízes promissoras.

* * *

Eis, a traços largos «o que é» a Associação. E «o que poderá ser»?

Aquilo que nós quisermos, começando por alargar ainda mais a massa associativa, tornando a Associação conhecida de muitos que ainda a não conhecem, dirigindo-se os mais velhos aos seus condiscípulos conterrâneos, interessando os mais novos a inscreverem-se se ainda o não fizeram, pois só assim, com a colaboração de todos, se poderá fazer obra válida.

E até ao 1995, se Deus quiser...

Mantenhamos o culto do passado sem esquecer as necessidades do futuro. Tenhamos sempre em mente a signa de Bráulio Caldas quando cantou nas sempre jovens «Danças dos Velhos»:

«Pertencemos ao passado,
Ruinas de velho muro,
Mas qu'remos de braço dado
Ir ensinar o futuro».

A. Faria Martins.

AS NICOLINAS

Os "Novos„ e os "Velhos„ Estudantes

PEDEM-ME alguns ex-estudantes do nosso Liceu, homens ainda perfeitamente válidos, embora já um pouco amadurecidos, mas que, paradoxalmente usam, o título de «Velhos» estudantes, e exercem a simpática actividade social da benemerência, como sócios da Associação dos Antigos Estudantes, desta cidade, instituição a que eu também me honro de pertencer, que escreva duas linhas destinadas a um opúsculo *Número Unico*, consagrado ao 75.º aniversário do Ressurgimento das tradicionais Festas Nicolinas. Aqui vão essas linhas, que não passam de pobres e inúteis recordações de um passado já esquecido.

O ressurgimento dessas Festas de folguedo académico data portanto de 1895, ano em que um velho cábula — o saudoso Jerónimo Sampaio — aliado a outros antigos e novos estudantes vimaranenses desse tempo, teimaram em fazer reviver a tradição de umas horas de boémia e de alegria estudantil, resolvendo continuar a Festa, que de há muito estava interrompida, ao S. Nicolau, patrono dos escolares desta terra, rejuvenescendo assim a declamação estrondosa dos «bandos escolásticos», de alguns dos quais foram autores, primorosos e inspirados poetas como Bráulio Caldas, Arnaldo Pereira e João de Meira, repetindo-se assim um programa festivo que já conta o remoto passado de dois séculos, e que a Irmandade de S. Nicolau, instituída em 1901, anexa à Colegiada da Oliveira, realizava, onde só podiam tomar parte sacerdotes, beneficiados, letrados e *estudantes,* como rezam os seus Estatutos, precioso manuscrito que se conserva arquivado na Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, juntamente com todos os «Pregões», a partir do ano de 1895 até hoje, e mesmo cópias de alguns de datas anteriores ao ressurgimento destas Festas (Vide «Revista de Guimarães» 1925, vol. 22, p. 166, e 1926, vol. 23, p. 29).

Mas... quem são, afinal, estes *velhos estudantes* de hoje? Também eu fui estudante do Liceu de Guimarães, do antigo Seminário-Liceu, e não resta sombra de dúvida de que hoje sou realmente um velho, um «velho estudante», se quiserem. Mas os que de mim se aproximaram, para me solicitarem esta descolorida prosa, estão longe de pertencerem a tal classe de invalidez, pois, com certeza, ainda não há muito terão deixado as bancadas escolares, ainda que os cabelos brancos lhes comecem a apontar. Do meu tempo, restarão ainda alguns «Velhos» nicolinos?! Sim..., que me lembrem, um Dr. Fernando Chaves, um Coronel António Flores, um Poeta Jerónimo de Almeida, e não sei se outros ainda andarão por este «Vale de Misérias», ou já terão fugido para a «Terra da Verdade».

Nunca tomei parte actuante nas Festas ao S. Nicolau. Mas fui, e continuo a ser, um simpatizante. Nesse meu tempo dos primeiros anos de estudante liceal, aí pelo dealbar do século, já havia naturalmente «Velhos estudantes», espécie de estudantes *aposentados,* que nunca tinham saído dessa precária situação porque nunca se haviam conformado com a maçada dos livros e preferiam enveredar por outros caminhos profissionais: — o Jerónimo Sampaio, que foi o recitador do «bando» no ano do ressurgimento das Nicolinas, o Alvaro Casimiro, o Carlos Abreu, o João Campos, e outros de cujos nomes já me não recordo. Mas ainda, a par dos estudantes «novos», como eu era então, nesse tempo já distante, havia também, não só «Velhos» estudantes, como estudantes «velhos», que eram afinal os que frequentavam o Liceu por hábito ou distracção, para ali procurarem apenas o convívio de outros companheiros da brincadeira, da pândega, da estúrdia, que apanhavam «raposas» sucessivas, até os pais se cansarem de tentar inùtilmente, fazer deles doutores em leis, que era, por esse tempo, mais um título honorífico do que uma profissão, que os proprietários abastados ambicionavam dar aos filhos.

Ainda outra vez se realizam, neste ano de 70, as Nicolinas, com a chiadeira da carreada condutora do «pinheiro» anunciador da Festa, o «pregão» e o cortejo das «maçãzinhas». Mas a assistência matinal às novenas da Capela da Senhora da Conceição, acompanhadas a caldos de unto e a música de tambor, as «danças», o «magusto»

OS VELHOS...

Nome que arrepia
A espinha dorsal
De qualquer mortal...

Velhos!...
Afago de juventude
Ao Estudante que viveu
Em plenitude
A vida do Liceu!
Aquele que estudou
E martelou
Para vencer!
E ainda outros mais
A briosa academia
Distinguida em bacanais,
Sempre pronta de coração
Para a função!...

Velhos!...
Os que por aqui passaram
E Minerva adoraram
E as lages calcurrearam
De Santa Maria e Oliveira.
Os que pela vez primeira
As portas entraram
Num liceu instalado
Num Convento,
De Santa Clara chamado
E onde se baptizaram
Nas letras e nas ciências.

Velhos!...
Os que aqui cresceram
E se fizeram Homens...
Os que a «sineta» ouviram
E tremeram...
Os que também conheceram
Os velhos Cónegos,
A Senhora Aninhas
E os seus carinhos...

Velhos!...
Os que já subiram
A escada da vida
Com mais ou menos degraus.
E que souberam,
Nos passos que deram,
Medir o que viram
Sem dar guarida
A princípios maus

Velhos!...
Avós, filhos e netos
No rodar dos tempos
A continuar a vida
Mantendo iguais projectos:
As Festas de S. Nicolau!..

Velhos!...
Encarapuçados,
Rufando nos tambores,
Atordoando o céu
Com seus clamores
Entre o poviléu...
Atraz, o «Pinheiro»
Na procissão
Com muito letreiro.
E os mais novos
Na cauda da fundação...

Velhos!...
Os que hoje admiram
As «maçãzinhas»;
Os que recordam
A Senhora Aninhas;
E também o «Pregão»
Bem declamado,
Bem cosinhado
E apimentado;
As «Poses», as «Roubalheiras»
E outras brincadeiras,
A que a mocidade
Corresponde, na verdade,
Com brilho e emoção!...

Guimarães, dia do Pinheiro de 70

J. Soares Leite.

e a noite das «roubalheiras», creio que já são números banidos do programa dos jovens liceais de hoje, quase ainda no uso do calção de meninos, mas que, apesar dessa meninice, chegam muito mais cedo a uma precoce maturidade, do que os cábulas matulões do meu tempo.

Os «Novos» e os «Velhos-novos» actuais persistem assim em continuar a tradição de uma Festa, que começa, infelizmente, queiram ou não, a tornar-se absoleta e *ultrapassada,* como agora se diz, e que está fatalmente a caminho da sua extinção definitiva, pois só por uma espécie de milagre se tem mantido durante estes 75 anos!...

Mas tem de ser. Já em Coimbra, na multisecular e prestigiosa Universidade, vão acabando as velhas «praxes» académicas; já o estudante se confunde, no trajar, com qualquer indivíduo da classe civil, visto que pôs de parte a capa e a batina de tão interessante tradição; já se não perseguem os «caloiros» encontrados em pândega nocturna, aplicando-lhe o inofensivo corte das melenas, o que foi bom para os rapazes que as usam à moda, exageradamente crescidas; já no ano findo se não realizou a Festa da «Queima das Fitas», tão engraçada e espirituosa, que irradiava esfusiante alegria. Enfim, uma tristeza que invade este tempo de hoje, em que os estudantes se ocupam mais em afirmar e fazer valer pela violência as suas arrebatadas ideologias sociais, políticas e confessionais, do que em se consagrarem ao estudo e à ciência, vivendo alegremente e trabalhando, como gente moça e activa, pelo futuro e grandeza da Pátria.

Pudesse este opúsculo comemorativo, intitulado «Os Velhos», que pela terceira vez se publica num período de 50 anos, e cujo primeiro *Número*, nos foi então dada a honra de organizar, servir de algum modo para incitar os actuais moços estudantes do Liceu Nacional de Guimarães a caminharem, sim, para um futuro melhor, mas com os olhos sempre postos nas lições e na experiência do passado.

Mário Cardoso

S. Nicolau

Patrono dos Estudantes

Põe o badalo em teu sino!

Aos do «meu tempo»..
Aos do «nosso tempo»...
Aos do «vosso tempo» ...

Não quero cantar saudades
Porque as saudades não são
As tais cantigas de amigo
De que nos fala a canção:
Quero estar aqui contigo
De alma aberta à alegria
Ouvir-te e contar também
O que a ninguém contaria!
Ouvir-te dizer «amen»
Finda a história conhecida:
Se o tempo envelhece a tinta
Torna-a tu mais colorida!
Não há ninguém que não minta
Num ou noutro pormenor:
Cada um com sua veia
E' do Passado pintor...
Se a alma se incendeia
Do desejo de viver
O Ido tem força tal
Que parece renascer!
Nunca te pareça mal
Tal forma de recordar
Se a história mais divertida
Nos dá ganas de chorar...
São os milagres da Vida:
Memórias, recordações
De que não guardas segredo
Por mortas serem razões!
.....
Conta lá, não tenhas medo
Põe o badalo em teu sino
Porque meus velhos ouvidos
São ouvidos de menino:
Conta-me os sonhos perdidos...
«Galgas» do antigamente...
Belas façanhas de outrora
Impossíveis no Presente!
Conta depressa e agora
No teu jeito nicolino
Vai onde a Saudade mora...
Põe o badalo em teu sino!

A. MEIRELES GRAÇA.
(1948)

Paradoxos da Contestação "Nicolina,,

SER «nicolino» é ser alguma coisa diferente do que estamos habituados a ouvir relativamente a qualquer associado de uma Instituição ainda que esta abranja um amplo horizonte no campo da ciência, da técnica e da acção sociológica.

Esta afirmação no plano da lógica, exigiria, para adquirir foros de validade, a apresentação dos respectivos fundamentos.

Este, o primeiro e talvez o único paradoxo do espírito nicolino.

Se hoje, pelo que vemos, ouvimos e lemos, o Mundo é atravessado de lés a lés por uma poderosa corrente de contestação, cuja intensidade põe os cabelos em pé dos mais argutos dirigentes e responsáveis pelo equilíbrio das forças que interligam os homens em sociedade...

Se essa contestação, não tem a justificá-la a reivindicação (legítima ou ilegítima), de um grupo, de um partido político ou de uma classe...

Se apenas se contesta para destruir o que está ou para ver o efeito catastrófico da destruição...

Se se é contestante, contestador e até «contestatário» ou «contestativo» como já temos ouvido em linguagem inovadora e, talvez, de certo modo, adaptada às ideias modernas, só porque não é acessível à sensibilidade dos militantes o que *está* ou o que *foi* porque não é cómodo como se queria ou agradável como se desejava...

Se tudo isto é acção apocalíptica, cuja causa é apenas florada por alguns, aliás eminentíssimos sociólogos, mas não apresentada em moldes de certeza científica ou sociológica...

Nós, os «nicolinos» também engrenamos numa corrente de contestação, intensa e ruidosa.

Mas o alarido dos bombos e das caixas e os alti-sonantes discursos inflamados que se ouvem periòdicamente não afligem ninguém, nem incomodam os governantes.

Não constituimos um grupo profissional, nem um partido político nem uma classe mas as nossas reivindicações são legítimas porque se justificam pela sã camaradagem de novos e velhos.

Contestamos para destruir e também contestamos para ver o efeito da destruição. — Verdades como punhos. Destruimos o silêncio e a pacatez da urbe, no dia 29 de Novembro de cada ano mas a Polícia não intervem. Até gosta da coisa.

Com a animação, muitos de nós comemos o que não devemos e bebemos o que não podemos beber. O efeito catastrófico da destruição é evidente pelo desiquilíbrio da *sociedade* das entranhas constituida pela fauna estomacal, intestinal, et coe tera e tal... Porém, tal efeito, só é visto em toda a plenitude (claramente visto, como diria o épico) , geralmente no dia seguinte.

Não é acessível à sensibilidade dos militantes nicolinos o que *está*... a ver-se por esse mundo fora em matéria de guerras, lutas e desentendimentos entre os homens e as Nações porque isso é incómodo. Neste ponto, também são contestadores ou contestantes e são-no ainda na medida em que congregam esforços para manter o que foi e já não é mas querem que seja.

E também será apocalíptica a acção que dimana do espírito nicolino? O' Céus!

Confundem-se os homens, as idades, as profissões, os gostos, as crenças e as ideologias; tudo amalgamado, tudo misturado, tudo caldeirado, para do conjunto de tanta variedade resultar a mais firme e concreta das unidades que se revela aos olhos de toda a gente como exemplo típico da mais pura e fraterna camaradagem.

Gaspar Gomes Alves.

Da sua justiça...

Beneméritos Amigos

ESPERO que, antes de 29, me não seja cassada a «dispensa de recolher» que, por intermédio do Caronte barqueiro, o Sr. Plutão houve por bem conceder-me.

Se assim suceder, irei.

Levarei os tentáculos braçais desimpedidos de reumatismos e outras ferrugens, para apertar a escassa meia-dúzia de escanifrados entrcostos do meu tempo, que ainda por aí rabeiam, fora da Atouguia.

Na hora de enterrar o "barrete,,...

HÁ frases feitas, que ganham para si famas que se enroupam de significados dúbios. Está no caso, por evidência, a de «enterrar o barrete». Tornou-se comum dizer-se de quem a tanto se sujeita, que foi «levado pela certa». Ora aqui está, manifesto, um sentido duplicado, merecedor de contestação — principalmente, dos nicolinos. Na nossa Festa o «barrete» é insígnia, testemunho vivaz de alegrias em plenitude. Quase que alcança o significado de galardão, bem regulado, de vera dignidade. E está certo...

Na noite única do «Pinheiro», esta velhinha Guimarães, recheada de tradições, alerta-se, vem para a rua ver desfilar o cortejo alacre aonde se anuncia a sua tradicional festança académica de alongados anos. E o «barrete» lá se destaca, dando colorido a um desfile que se reveste de alegria para todos, de saudade para muitos...

Os zabumbas troam, há como que um alarido de renovação a instigar-nos, pois aos «velhos», no calor dos reencontros vividos, a vida regressa aos instantes felizes duma mocidade passada. Cremos que, em todos nós, o sentido sublime da camaradagem se realça num alertar de ânimos que afasta os desenganos de vida quotidiana...

Erguem-se maçanetas, havendo no gesto qualquer coisa que ultrapassa as horas perdidas de tantos desenganos e atinge a ilusão esperançada duma vida que será melhor. Vimos, assim, a Festa Nicolina, porque ela nos reconduz aos caminhos que acalentaramos trilhar, aos sonhos que se ficaram nas ilusões, aos tempos que, afinal, não voltarão...

Daí encontrarmos, neste «enterrar do barrete», uma significação especialíssima. Cada um de nós terá, bem dentro de si, por imaginoso sentido pessoal, a sua ideia própria, mas o acto é deveras coleclivo, Em nós, por exemplo, mostra-se dominante, uma retrospecção. Desfilam-nos, na memória saudosista, perdidos condiscípulos, velhos mestres, amizades criadas, mas acima do mais, o que procuramos é reviver todo um passado que queremos abarcar no seu conjunto. Ao fim e ao cabo, envolve-nos o desígnio de «matar saudades»...

Abramos, então, num gesto conjugado, nossos braços fraternos para que o amplexo seja total. Sejamos, de novo, todos estudantes de Guimarães, «devotos» perenes da S. Nicolau, Nesta hora alevantada e única de «enterrar o barrete», ao matarmos nossas saudades, «matemos o bicho» também, ao sabor requintado das «papas de sarrabulho», com multiplicadas canecas de bom vinho verde. E haja alegria, para bem viver a Festa...

Helder Lemos Rocha.

O aparelho atrombador deve chegar ao local próprio em condições de satisfatório funcionamento. Para tal, se irão fazendo os consertos prévios indispensáveis.

A carapuça nicolina está em ordem. Isenta da traça e com reduzido ensebamento.

Não consta do programa a massa que é preciso largar. Se contasse, se iria estendendo ela, tanto mais que candeia que vai à frente...

O programa, acho-o muito competentemente magicado. Parabéns.

Para mim, pessoalmente, preferiria almoço. Mas, porém, todavia, contudo, os sábios, os estudiosos, os investigadores, os tratadistas afirmam a pé junto que, neste planeta académico-nicolino, se pode viver sem almoço e sem jantar. Mas nunca, jamais em tempo algum, sem Sua Excelência a Ceia e concomitante Ex.^{mo} Briol., segundo é demonstrado pelas esfalfantes pesquizas históricas e laboratoriais a que procederam. Portanto, trato de abaixar as orelhas, como é devido.

Ninguém é obrigado a espevitar e desassocegar o miolo do orbe dos piolhos, a ter canseiras e a trabalhar para os outros gozarem, atrombarem e dizerem mal. Logo, pois, portanto, por conseguinte, tenho obrigação, conjunta e solidária com os mais, de reconhecer e de agradecer a obração feita pelos beneméritos obradores que obraram para benefício da maltosa nicolina passada, presente futura. Se eu fora uma espanhola em condições, dizia-vos «muchas grácias». Como a não sou, muito obrigado me confesso.

Junto o talão para inscrição.

Das quotas, creio estar paga a de 1970.

Das bordas da prè-história (1904-10) vos sauda cordealmente o

SOBRADO — FELGUEIRAS

José de Barros.

VELHOS NICOLINOS

JUNTAR palavras, articular pensamentos, construir ideias, ao serviço de uma imaginação criadora mais ou menos fértil é trabalho que não está ao alcance de todos, mòrmente daqueles que, no afã da sua vida de trabalho rigìdamente programado, apenas das horas escassas de lazer podem dispor. Mas transmitir sentimentos vividos de uma mocidade distante, repleta de emoções no convívio e na amizade franca e desinteressada, é tarefa algo mais facilitada, se para isso deixarmos abrir de par em par o coração, sem preocupações de retórica e muito menos de estética, que são predicados de artista, artista que nós não somos.

Aproxima-se mais uma Festa Nicolina, a festa anual da gente moça estudantil, que logo nos recorda o passado, numa saudade que já sentimos mais intensa à medida que os anos passam, vinculando-nos a uma tradição que não quer morrer e luta desigualmente com as arrancadas do progresso, que tudo esmaga no ridículo e no absoleto, face às vertiginosas concepções de vida da sociedade que estamos a viver, que já não quer conceber nem mesmo compreender o simbolismo de um pinheiro, que se transporta em cortejo festivo, puxado por juntas de bois, um «Pregão» que é uma proclamação pública em verso, de sentido crítico e social com o seu quê de medieval, uma cerimónia de galanteria para com as damas, em gesto fidalgo e delicado, em suma, um conjunto de manifestações de maior ou menor elevação e respeito por tudo que é belo e merece ser vivido, ainda que só plenamente possível ao gosto de uma época ultrapassada, impossível de reconstituir, tanto material como espiritualmente.

Por isso é que antes de ridigir estas linhas procuramos rebuscar do nosso foro mais íntimo algo que pudesse ajudar-nos a evocar os tempos de estudante e logo veio à nossa mente a figura simples de um velho condiscípulo que à festa se entregou pela alma e coração.

Evocamos com muita amizade o Dr. Joaquim Amaral Pereira da Silva e nele retratamos o nicolino devotado, o poeta apaixonado daquele «Pregão» que relemos agora com emoção e do qual se extrai uma definição magistral da Festa.

.....

Que as Festas Nicolinas sempre são
A luz da graça e a voz da Tradição.

.....

Que feliz síntese! Que magnífico sentido poético brotou desta autêntica vocação, que tive a felicidade de ver nascer a meu lado, espontânea e absolutamente desafectada!

Que deleite extraordinário sentimos agora ao ler as belas e jocosas estrofes deste e tantos ontros notáveis poetas que à Festa dedicaram um pouco da sua alma nobre! Como são notáveis pelo conteúdo e pela forma, peças literárias autênticas, alguns dos pregões de Bráulio Caldas, de Arnaldo Pereira e João de Meira, para destacar apenas aqueles que nos pareceram mais significativos na erudição e no conteúdo dos seus pensamentos.

Que magnífico repositório para o estudo e para a história da sociedade vimaranense poderão constituir todos estes verdadeiros documentos!

Arriscamo-nos a propor sem medo de contradita, que se deveria tentar, urgentemente, a compilação, em volume próprio, de todo este manancial de obra poética que, variegado no seu interesse e valor artístico, possui no entanto um valor inestimável, como documento crítico quase sempre mordaz e hilariante dos anais e fastos da nossa Terra, em contraste com os seus anseios concretizáveis ou não, que sempre proliferam e morrem na alma colectiva dos povos.

Mas, são passados 75 anos da data do ressurgimento da Festa Nicolina e para isso é que foi solicitada a nossa palavra. Quase nos esquecíamos de referir a efeméride no entusiasmo e emoção que nos provoca o tema! Que nos perdoem os leitores esta fraqueza, porque logo passamos à apologia dos heróis dessa façanha, tal como há 25 anos o fez o nosso recordado poeta, ao proclamar bem alto e pela sua própria voz:

.....

¿E não serão, portanto, heróis também
Os «Velhos» que, há cincoenta anos atrás,
Num esforço supremo, indo além,
Num esforço titânico e audaz
Ressurgiram a Festa que ninguém
De ressurgir 'té aí fôra capaz?
— Oh! Eles são heróis, que por seu feito.
M'recem veneração do nosso preito!

Ao fazer também nossas as suas bem compostas palavras e posto que assim nada temos a acrescentar, sob pena de diminuir a intensidade e o valor da exortação, apenas mais velha 25 anos, resta-me daqui agradecer a boa achega e enviar ao poeta um abraço apertado à boa maneira nicolina.

José Maria Gomes Alves.

(Conclusão do artigo História de um sobretudo)

— Dei-to nessa mesma noite.

— A mim! — quase gritei de surpresa.

O meu colega ficou suspenso a encarar-me e depois, numa dúvida, confessou:

— Se não foi a ti, foi a alguém que m'o pediu para t'o dar. No meio daquela barafunda, pediram-m'o e eu entreguei-o bem contente por me ver livre dele.

Desorientado com a resposta e a sentir pesar sobre mim a perspectiva dolorosa de ficar sem o sobretudo, fiz-lhe um apelo solene:

— Vê se te lembras a quem o entregaste. Se te lembrares não está nada perdido.

O meu colega foi desalentador.

— Não, não me lembro. Lembro-me só de m'o terem pedido e eu de o ter entregado.

Num apelo angustioso ainda gemi à procura de uma solução:

— E agora?

A minha pergunta ficou sem resposta. Um desespero negro invadiu-me a alma e quase me fez acudir as lágrimas aos olhos. Que havia de dizer a meus pais quando fosse a férias do Natal? Que me esquecera dele no colégio, mas que estava a bom recato? Foi a solução que adoptei, convencido de que no entretanto o fim do ano chegaria e com ele a lembrança do sobretudo se desvaneceria. Foi o que aconteceu. O inverno é que custou a suportar. Dezembro, Janeiro e Fevereiro foram cortantes e eu, ingerido, não tive outro remédio senão o de enfiar camisolas sobre camisolas para corrigir a falta dum agasalho perdido, por descuido, na noite do Pinheiro.

Vila de Conde
Novembro-1970

Joaquim Maria Pacheco Neves.

Breves palavras de um velho Nicolino

UMA das facetas mais curiosas das Festas Nicolinas é o seu cunho fortemente popular e a sua plena aceitação pela gente desta Terra, que vive entusiasmada todos os números do Programa.

É ver como novos e velhos em noites ou dias quási sempre desagradáveis, de chuva ou frio intenso, vêm para a rua em grandes massas e acompanham quer o cortejo do *Pinheiro* quer as *Posses* ou o *Pregão* e admira a beleza das *Maçazinhas*, número cheio de carácter e elegância. Mas para além desta faceta popular tão do agrado da nossa gente e porque é um elemento que fica arquivado e todos os anos é diferente no seu conteudo é o Bando Escolástico ou *Pregão,* pois nos seus versos são comentados acontecimentos nacionais e estrangeiros de maior nomeada, e, com larga percentagem, factos, realidades e anseios da nossa Terra e que, por isso mesmo, são repositório da evolução e progresso desta Cidade, que, com vagar e tempo, os estudiosos podem apreciar e comentar como autênticos documentos que sem dúvida constituem, dado até o seu número bastante considerável, para o conhecimento de algumas décadas da vida vimaranense.

E são estas simples e breves palavras mal alinhavadas e à pressa com que correspondo à gentileza do convite para dizer alguma coisa neste número comemorativo das Bodas de Diamante das Festas Nicolinas.

A. de Faria.

À guisa da recordação de velhos tempos

IN illo tempore Snr.ª Aninhas Farinarea erat — com este latim «vulgar» para os romanos letrados e invulgaríssimo para os «romanches» que receberam a civilização do Lácio e a pressão das botas dos seus Governadores, poderiam começar umas breves notas, sem pretensão de crónica, sobre a vida do nosso Liceu em tempos idos, já que a Senhora Aninhas foi uma figura de primeiro plano na vida estudantil vimaranense, e de tal projecção que a edilidade, reconhecendo o facto, conferiu o seu nome a uma via das vizinhanças da sua casa.

E já que estas linhas assim começaram — «allea jacta»... como diria o César — cuja prosa saboreámos no De Bello Galico (esta gente de agora não faz a mais pequena ideia do que isto era!) — se lhe faltasse a voz para terminar aquela conhecida conclusão com o clássico «est», já que estas linhas começam deste modo, como dizíamos, prossigamos por esta vereda, atendendo ainda a que, muito mais tarde, viria o nosso grande Gil dizer também no célebre auto: «lo hecho es hecho».

Mas deixemos estes adornos literários, mais cobiçados pelos escribas arcaicos, dos Faraós ou mesmo da Idade da Pedra, e entremos a eito no assunto, sem desatender, porém, que os Velhos Nicolinos, quando se congregam para festejar recordações da idade da pândega, o devem fazer em jeito de desopilação, substituindo com reais vantagens e poupança de caroço, as clássicas águas do Gerês.

Pois recordar a Snr.ª Aninhas dos Estudantes como recordar outras figuras de que também se darão alguns apontamentos, e que foram parâmetros, digamos mesmo referenciais, na vida do nosso Liceu, é reviver aqueles doces anos — período irrepetível em que, de braço dado com a obrigação do estudo, deambulava a obrigação da pândega, quando não era esta que sobrepujava aquela de tal modo que a minimizava a ponto de a tornar irreconhecível — diríamos, talvez, em linguagem de hoje, abaixo de um «minimum economicum».

Quem foi a Senhora Aninhas? Qual a influência deste vulto e de outros na vida académica do burgo? O que teria sido esse período da História de Guimarães sem a inclusão destas figuras?

A tão curtos anos, ainda, do seu desaparecimento para a eternidade, não será fácil traçarem-se linhas definitivas — diríamos no jeito dos historiadores que buscam e rebuscam efemérides, num desdobramento analítico exaustivo, para, seguindo o método Kantiano, atingirem conclusões irrefutáveis; mas, com a certeza de que se estriba no apoio unânime de todos os Nicolinos que ainda não atingiram a idade caquética, diremos que, sendo a história de um burgo o substrato, o «concentrado» dos feitos dos seus cidadãos mais notórios, não pode oferecer dúvidas que a História de Guimarães teria sido bem diferente, pelo menos para nós, sem a existência desses vultos. Poderíamos inclusivamente, pôr esta ilacção em itálico, sem o risco de nos enganarmos.

A Senhora Aninhas! Quem a não recorda?

Parece que a estamos ouvindo desfiar os nomes de tantos rapazes que lhe passaram pela casa, o Snr. Fulano, o Snr. Dr. Sicrano, o Snr. Beltrano, e que, ou lhe escreviam de longe, ou, por um motivo e outro, de passagem pela terra, não deixavam de a visitar, para recordarem em comum belos tempos passados.

Assim, que a Loja da Snr.ª Aninhas era, para os estudantes, como uma espécie da Botica do Dr. Sousa (Prematura senecta ab incuria nostra... e outra alusão que ornava os vitrais do laboratório) para os médicos, ou como a Barbearia do Simão Corado para a clientela. Era, talvez, mais ainda, pois ali, a par da vida que corria amena no dia-a-dia académico dos seus «habitués» frequentadores — excepção feita às vésperas dos pontos escritos ou dos exames — recordavam-se grandes e pequenos na estatura e no saber, que franquearam os ombrais do nosso velho Liceu.

E, à parte uns ralhozitos — digamos, com complacência, de umas repreensões maternais, desabafos — quando não lhe agradava ouvir certas coisas — com que atenção, com que desvelo, sem distrair-se do seu negócio de tabacos, hortaliças e farinhas, ela escutava as vozes dos seus «meninos».!

Parece-nos, ainda, viva, diante de nossos olhos aquela tabuleta de fundo branco e letras a azul que a mão do Meira pintara e que foi colocada, suspensa, no interior do estabelecimento, como retribuição de tanto afecto; rezava ela, muito simplesmente, a tricotomia das matérias primas gustativas.

E aquelas arcas, aquelas velhas arcas, sobre as quais se empoleiravam guitarras e violões, a que, se bem nos recordamos, o Neca Ferreira e o David Alves davam vida, sob ramos de cebolas e alhos que pendiam do tecto.

Pois era ali, naquela espécie de sarcófago. onde transitavam tradições que não se desejavam icinerar, que se dissipavam horas da tarde em animadas e animosas cavaqueiras — a modos dos Colóquios de Oxford, sem o chá das cinco, mas com «erzats» mais a nosso gosto prolongando-se as matinés, por vezes, até à hora de jantar.

E era ali também que chegavam, pelas manhãs frescas dos primeiros dias de Detembro, as verduras, quais trofeus de caça, que os tocadores de zabumbas depunham, após aquela ruidosa travessia por campos e hortas, à maneira de Hunos (mas muito abaixo destes), vindos da Novena da Senhora da Conceição, para onde se partia sendo ainda noite fechada.

Que imagens aquelas, dos instrumentos percussores, de peles de porco ou de coelho, pejados de nabos e outras hortaliças! E, de resto, aquela participação na Novena — ó gentes! — quanto de pagã tinha ela! Pois não se limitava a rufar caixas e bombos cá fora, quando se ouvia o toque da campainha no interior da Capela, sendo todo o resto do tempo dedicado à mastigação de carcaças e figos, entrecortada com uns golos de bagaço!

Quanto de recordações! Quanto de beleza naquelas andanças! Ah! Festas Nicolinas dos nossos amores!

Um salto leva-nos à entrada pomposa do Pinheiro a 29 de Novembro. Quem não se recorda daquele ano em que o monstro foi precedido por nada menos de 120 juntas de bois? Nem o regresso triunfal dos generais de Roma jamais teve tal aparato, não obstante os camelos, e, por-

MOCIDADE DISTANTE

Eu não sei... mas, na verdade,
É que sem a Mocidade
Palpita dentro de Nós,
A recordar o Passado,
Como que em sonho acordado
E lhe escuta ainda a voz
Através duma sadade!
Eu não sei... mas, dentro em mim,
A coisa passa-se assim
E nunca muda de rumo,
Tudo o mais é cinza e fumo
Debaixo de um céu azul
E as rosas do meu jardim,
Mesmo com o vento sul!
Ó Mocidade distante,
Capas negras e batinas,
Vinde aumentar, neste instante,
A graça das NICOLINAS
Nestas BODAS DE DIAMANTE!...

Jerónimo de Almeida.

PROFESSOR
JOSÉ DE PINA

ventura, outras quejandas, trazidas como presas de guerra a par dos vencidos agrilhoados.

E o desenferrujar das mãos dos «velhos» nos atambores, durante toda a santa noite, após a implantação daquela espécie do reino vegetal? Sòmente os surdos conseguiam resistir a tanta animação.

Quem não lembra, ainda com saudades, as larachas das «Posses»? Aquelas discursatas! Aquele «Bate-Folhas», célebre pelas mesmas! Parece-nos que o estamos vendo entrar na loja do «Zé da Sola,» acompanhado por uma espécie de prancheta e por uma apreciável dose de étanol, que as vias apropriadas já tinham feito chegar à raiz dos cabelos, dizendo, com a finura que esse estado consente: — Vou para a aula do Pina! Porventura, maior que ele, sòmente o coimbrão «Poeta Diniz», que, sendo marceneiro nas horas vagas, assistia como aluno voluntário, às aulas do Esparteiro!

E ao recordar o nosso Liceu é pertinente, ainda e sobretudo, recordar, sem desprimor para outros, aquele grande mestre e homem válido — embora tão simples e modesto — que foi precisamente o Professor Pina.

Quem não conserva ainda no fundo da retina — aquela imagem bondosa de um professor amigo que, ao mesmo tempo que guiava com sua mão firme as mãos desajeitadas dos alunos no desenho de uma perspectiva, se via, por vezes, obrigado a chamar a atenção de um ou outro, com aquele exclamar «oh, estudante!...» acompanhado de um franzir de olhos que lhe era tão peculiar.

Das figuras internas do Liceu, também cabe uma referência a um Lopes, a um Machado, a uma Snr.ª Glorinha, que nos aturavam quando não eramos nós que tínhamos de os aturar.

E daqueles que, cá por fora, viviam, em parte, dos nossos tostões, também se lembram de um Snr. Máximo, cuja estatura — aferida pelo tamanho do tambor dos barquilhos — não ultrapassava unidade e meia.

Voltando às Nicolinas, apetece — não fôra escasso o tempo — falar daquelas peregrinações dominicais com fortes libações nas propriedades dos dadores, daqueles cortejos ruidosos, de baquetas em punho, tudo estremecendo, dentro dos estabelecimentos do Toural, das roubalheiras (ainda nos lembramos da tabuleta da Parteira colocada na sacada do Notário), do pregão (quem se não lembra do velho Sampaio, fogoso, quando evocava o seu tempo, com gestos a primor acompanhando um histrionismo onde as lágrimas afloravam aos olhos), do cortejo das maçãs e das dansas. Mas, isto vem ainda no correr da tradição. E para os que já dobraram o meio da vida, terá, talvez, maior sabor o recordar os homens, as abencerragens, de uma geração. Que nos perdoem os que acima não foram contemplados nesta evocação; sòmente a urgência do convite do velho Antonino para escrevinhar esta prosa é responsável pelas omissões e pela não correspondência, por ventura, à verdade histórica.

Aqui fica pois um depoimento ligeiro. Aqui fica uma irmã Saudade — à maneira do Poverello — a guiar-nos, de regresso (como se fora possível!) daqueles tempos da nossa juventude briosa, alegre, sonhadora!

Rodrigo Félix.

Uma Carta da Guiné

Bissau, Novembro de 1970

Irmão em Nicolau:

NÃO fora o não terem os homens coragem bastante para se comportarem colectivamente de acordo com os ditames do íntimo de cada um (sim, que ainda acreditamos que no íntimo todos os homens são bons) e teríamos o prazer de, como confrades, engrossarmos o número dos comparecentes à magna reunião da confraria Nicolina.

Com efeito, encontramo-nos na Província da Guiné, o que nos impossibilita de apertar ao vivo os ossos de uns e carnes de outros em sincero e comovido abraço, que estreitasse e fundisse em nossos peitos o enorme sentido de amizade e camaradagem de que o Santo achou por bem dotar-nos e não mais quizemos deixar esmorecer, antes promovendo o seu enraizamento e fazendo crescer os ramos da árvore Nicolina, com eles crescendo, em quantidade e qualidade, o número de quantos se abrigam à sombra protectora.

Impossibilitados pois de participar nos festejos, propusemo-nos a realização de comemorações Nicolinas nestas quentes terras, por forma a não desmerecer os favores que o nosso querido Santo nos tem dispensado; assim, elaboramos o programa dos festejos que, como não poderia deixar de ser, estão imbuidos de certo sabor africano, tanto por força das circunstâncias como por hodierna atracção pelo exótico.

Como tal, teremos no dia 29 o jantar de confraternização cuja ementa é composta de coxinhas de tubarão (na ausência do bacalhau), e de rugidos (por inexistência de rojões). A abrir e a fechar temos, como aí, sarrabulho e castanha o que, como é do conhecimento geral, aqui também há.

Estes alimentos serão regados com Wisky, bebida muito em uso cá no sítio e que se mostra mais eficaz nos seus efeitos intelecto-etílicos e menos perigosa nos gastro-hepáticos.

Depois da ceia desfilará o vistoso e tradicional «Cortejo da Palmeira», com carros alegóricos e precedido de enorme grupo de tocadores de Tan-Tan; erguida a palmeira com a respectiva ramagem, os festejantes dispersarão (ordeiramente)...

(O dia 30 é destinado à ressaca e à imprescindível e aliviadora descarga intestinal, cujos detalhes de programação e decôro me não permito esmiuçar).

As «Posses» realizar-se-ão no dia 4 de Dezembro e cada um possuirá o que as suas posses permitirem, já que aqui, sem posses nada se possui, do que resulta, neste aspecto, certa descaracterização no cariz tradicional dos festejos. A «Roubalheira» fica a cargo do pessoal Balanta, para quem roubar é uma honra, sendo digno dos maiores encómios aquele que, sem ser notado, conseguir «abafar» uma vaca.

No dia 5 haverá um «Pregão» (já encomendado no ferreiro, lindamente lavrado e bem afiado) com que se darão acutilantes picadelas a quem delas se mostrar merecedor; neste dia, os Tan-Tans novamente descerão à baixa.

A 6 ainda de Dezembro realizar-se-á o tradicional «cortejo dos Coquinhos», galantemente arremessados às varandas engalanadas por gentis e morenas bajudas (raparigas solteiras) que retribuirão fazendo realçar em aberto sorriso a sua branca dentição e meneando, comovidas, anafados frutos peitorais que exibem galhardamente.

Far-se-á a entrega do «Arco e Flecha» e a fechar o programa teremos um animado Batuque, durante o qual procurará cada qual furtar-se aos olhares ansiosos e reprovativos de papás e mamãs menos afeitos às inofensivas danças modernas.

.....

Acabada a festa fica-nos o sabor azedo da certeza da sua realização apenas em nossas mentes, em nosso sentir saudoso, em nosso íntimo irremediàvelmente Nicolino, da frustação de um querer irrealizável, por muito que a doçura da saudade procure temperá-lo, não o conseguindo de amarga.

Acabada a festa fica-nos o som longínquo mas bem

Meu tempo de Santa Clara

Já bem chegada à velhice
Aqui estou neste instante
A recordar com saudade
Os meus tempos de estudante.

Nestas quadras bem singelas
Vou abrir meu coração.
Como não sou poetiza...
Quero pedir-vos perdão!

Meus versos não têm graça
nada que os recomende?
Na altura nas nossas Festas
Toda a «malta» os compreende...

Quero neles recordar
Meus Mestres, saudade infinda:
No Liceu de Santa Clara
Estou a vê-los ainda!

O bom cónego Ribeiro
Mui altivo mas cortez
Era um Mestre a valer
A ensinar português.

E o Zé Maria Gomes
Muito saber, grande engenho:
Foi o meu bom profesor
De Ciências e Desenho!

Tive também outro Mestre
(Era o cónego Miranda)
De quem diziam por graça
Trazer o barrete à banda...

E o cónego Moreira?
Ainda não sei porquê
Se ensinava francês
Lhe chamavam «enverrez»)

Em Matemática então
Vós podereis recordar
O que tinha uma legenda
Que a seguir vou registar:

«Quem mesmo de chuva e vento
Traz botas de polimento
E tem risos amarelos?»
É o Cónego Vasconcelos...

O professor de Ciências
Era o tal cónego Sanches
Que dizia alto ao mundo:
«A minha alma não manches!»

De Cónegos não sei mais nada
— Dizendo isto não minto —
Mas não posso terminar
Sem vos falar no Filinto:

Há tempos fui encontrá-lo
Na Póvoa, já reformado.
Deu-me um abraço de amigo
E falamos da Passado!

E o Portas de Vizela
Com vestes das de festanças?
Comentava-se ao passar:
É árbitro das elegâncias!

E o Mestre Zé de Pina
Que de bondoso sorria?
Era muito agarradinho
A dar nota a quem sabia...

Esse das barbas então
Não era nada vaidoso
Ensinando que era um mimo:
Nosso Mestre Abel Cardoso!

Das colegas a Piedade
Boa aluna e muito atenta
Tirava os significados
Na minha própria sebenta...

Eu, a Madre de Deus, a Alda
Sempre prontas a brincar...
Éramos nós as três ratas
Que não queriam estudar!

Sabem quem dizia assim?
O pai da Alda com graças
Pois via com simpatica
Estas três amigalhaças...

Dos colegas nem se fala:
Todos uma simpatia!
Trago ao primeiro plano
O bom Guilherme de Faria.

Esse velho camarada
Não era colega à toa:
Mesmo depois de partir
Escrevia de Lisboa...

Aí ficam homenagens
Aos que estão na eternidade
E merecem neste dia
Nosso preito de saudade.

Aos vivos desejo eu
Muita saúde e ventura...
Muitas Festas como esta
Bem longe da sepultura!

A. ANDRADE.

---

definido e inconfundível do nosso Hino, executado ao pedido de «toca a música», passeando-se pelas ruas da cidade lembrando aos ensonados que assomam às janelas que a juventude não conhece idades, apenas sendo perdida por aqueles que a não sabem merecer; fica-nos ainda o ressoar das gargalhadas alegres brotando límpidas e expontâneas da enorme e cristalina fonte que é o convívio Nicolino, o murmúrio dos queixumes daqueles que, tendo fígado preferiam não o ter e a lembrança do ar ufano dos que, tendo-o, conseguem deixá-lo em casa, bem como da expressão zombeteira dos que o não têm mesmo mas que, estejam descansados, herdá-lo-ão de alguma libação que de tal resolva fazê-los herdeiros.

Acabada a festa resta-nos, por último, a lembrança de todos e cada um dos Nicolinos, das virtudes deste, defeitos daquele, careca daqueloutro, barriga de mais aquele ainda e a todos estreitamos com forte, sincero e saudoso abraço em irmanação profunda de sentimentos e ideais que sei serem de fraterna entreajuda e respeito, liberdade igualitária, paz e progresso.

Os Confrades,

aa) **M. Fernando Poças Falcão Mota Prego**
António Mota Prego
Leonel Jorge de Azevedo Neves.

História dum Sobretudo

QUANDO no estudo do colégio se ouvia ao longe o troar cadenciado dos bombos e o rufar pianinho das caixas, havia uma agitação entre os rapazes que revoava como um apelo nervoso na sensibilidade de cada um e fazia uns estragos na disciplina que tornavam o vigilante mais azedo e os seus modos mais agressivos. Queria que nos comportassemos como se a festa a S. Nicolau não nos dissesse respeito e mostrassemos por ela uma indiferença que nos mantivesse a cabeça inclinada sobre os livros e a atenção concentrada. Nós é que não ligavamos ao que ele dizia e ficavamos de orelha à lerta à espera que os apelos vindos de fora se tornassem mais clamorosos e invadissem o largo do liceu, no convite formal para ingressarmos no grupo. Era o fim. O estudo acabava ou, se não acabava, transformava-se num pandemónio em que os tampos das carteiras e o bater dos pés no chão faziam um acompanhamento que enchia de ruídos o colégio e obrigava um dos directores a intervir. Com ele, no geral, vinha a ordem de nos prepararmos para sair, os mais adiantados na plena liberdade duma falta de vigilância só moderada pela hora fixa de recolher a penates; os mais novos, acompanhados por prefeitos com a missão de os guiar e de os manter unidos naquela noite tormentosa e barulhenta, até regressarem de novo ao colégio.

Eu fui no grupo dos mais velhos, muito aconchegado a um sobretudo novo que meus pais me tinham mandado fazer para suportar os frios gelados do inverno. Era um sobretudo claro, de bom corte, muito quentinho, que fazia as minhas delícias quando de madrugada, ainda noite fechada, descia do dormitório para o estudo e nele ficava, durante horas, a tremer, com os pés enregelados. as mãos cheias de frieiras e o corpo arrefecido.

Ao chegarmos cá fora, parece que o barulho recrudesceu numa saudação amiga e fraternal. Os bombos, aos nossos ouvidos, tinham outra vibração, e as caixas, no seu rataplam, uma «conversa» animada. Cada um de nós tomou conta do que lhe pertencia, por acordo anticipado com os externos, e pusemo-nos a caminho cheios de animação. Eu comecei a bater no meu com uma gana desesperada, no frenesim endemoinhado de quem tem braços retesos, mas o sobretudo embaraçava-me os movimentos e alagava-me de suor. Ao chegar às portas do Quartel, já não podia mais. Aquele duplo fardo era superior às minhas forças e tinha de decidir entre acompanhar a música brava e continuar a dar de rijo na pele ou tirar o sobretudo e confiá-lo a alguém durante o tempo que carregasse com o bombo. Optei pela segunda solução. Vi um colega desocupado e pedi-lhe para m'o guardar. Não seria por muito tempo, prometera eu, porque o tropeço, que me empinava a espinha, exigia pulso rijo e arcaboiço alentado para aguentar durante horas os seus apelos, e eu era demasiado frágil e demasiado novo para o suportar.

Com os movimentos mais livres, pareceu-me que a fadiga nunca mais chegava. Acompanhei o cortejo desde o princio até ao fim, fiz atroar nos ares as marteladas ciclópicas da maçaneta, cansei-me, diverti-me. Quando a cerimónia do levantar do pinheiro terminou, tinha também chegado para mim a hora de recolher ao colégio. Entreguei o bombo e comecei a procurar o sobretudo. Onde estava, onde não estava, mas como no meio da multidão não me era fácil encontrá-lo e as horas se estavam a alongar, deixei para o dia seguinte o sua recuperação, convencido de que o meu colega não deixaria de o pôr a bom recato e devolvermo, quando lho pedisse.

Correram, porém, três dias sem o encontrar. O tempo estava agreste e fazia-me falta. Quando ia estudar ou eram horas de aulas, a lembrança do sobretudo estremecia-me de desejos e fazia-me lembrar o bem que estava a perder. Era muito desagradável atravessar os cláustros do colégio, quando o vento encanava dos corredores ou a chuva gelada fustigava o chão e respingava para a cara, quando era tocada com mais força. Até que encontrei quem desejava. Numa manifestação de alegria inquiri-o sem demora:

— O sobretudo que te pedi para guardares?

O outro foi perentório:

SONHAR...

CAMINHEIRO fatigado por trabalhoso romper de vereda, cujo fim certo, não enxerga, dá graças aos céus pelo momento repousante que lhe permita recuperar e com novas forças continuar o trilho aberto; se durante a caminhada lhe é permitido reviver passado distante, alegre e descuidado, é para o Caminheiro preciosa dádiva, bem inestimável, pois no alforge não leva mais do que minúsculo grão de esperança e sonho... se sonhos ainda lhe são permitidos.

Sonhar é bom...; E' muito bom sonhar!

Se arrancarmos o sonho à vida, tiramos-lhe o que a ameniza, embleza, e nada ou muito pouco fica, que a torne apetecida. Vida sem sonho, é monótono correr tempo, dobar anos sobre anos, num ritmo sensìvelmente idêntico, monocórdico. Sonhar é bom e necessário, para quebrar a realidade dura e penosa; envolvê-la num pouco de fantasia em que alguma coisa há de merífico e belo é favor dos deuses que é crime não aproveitar; perder um motivo de sonho, é desprezar um nada, do muito pouco que a vida dá, em contrapartida do muito sofrimento que causa. Se somos jovens não é difícil sonhar; já o é quando com o peso dos anos, veio o das desilusões. Tem de ser forte o motivo que nos permita olhar por prisma sem mácula e cheio de beleza, esta corriqueira coisa a que tanto nos apegamos e pela qual tão ardorosamente lutamos — a nossa vida.

As Nicolinas, com a alegria sã e descuidada da Mocidade — se irreverente, contestadora, também generosa e sofredora — são um sonho. São um sonho para mim: — têm o mágico condão de me lembrarem tudo o que encerra de simples, alegre, comunicativo, luminoso, o curto tempo em que frequentei o Liceu de Martins Sarmento, a Santa Clara, de fachado barroca e claustros de «pedras morenas». E' um mundo que sùbitamente desaba em catadupa saudosa, de Frofessores e Colegas, entremeado pela sineta tangida pelo Snr. André, repreensões amigas do Chico e Aurorinha e primeiros cigarros, fumados às escondidas na Senhora Aninhas, cigarros, fontes de muitas preocupações, para que nem o hálito, nem as mãos acusassem o nosso pecadilho.

Mundo sem igual do meu liceu, quem mo dera de novo!

Tremer perante o receio de um «espetanço»; alegria contagiante por uma lição bem dada; discussões intermináveis sobre nada e coisa nenhuma; pequenas preocupações que a nossa juventude e fantasia avolumavam, engendrando grossa borrasca, com um chuvisco e uma nuvem! Quem mo dera de novo, mundo maravilhoso de poucos ou nenhuns cuidados! Para onde foste? Para onde partiste? Nunca mais regressaste e o teu lugar vazio, encheram-no incertezas, sonhos desfeitos, ilusões... Não voltaste e não voltas, mundo do meu Liceu e se o tentasses fazer, infelizmente, já lugar não tinhas...

No meu Liceu o Mestre ensinava e o Aluno aprendia — como em todos. Diferia de alguns pelas relações de amizade que existiam — entre uns e outros: mestres e alunos eram uma família. Diferiam numa pequenina coisa insignificante; enquanto o mestre se esforçava ao máximo para ensinar, o aluno estudava o menos possível. Cabulando, lá íamos cumprindo com a obrigaçãozinha de passar o ano e se alguma vez era perdido, a culpa não recaía sobre o Mestre, oh!, não, que sem se poupar a trabalhos, ensinara uma e outra vez, tão pouco que a atenção era suficiente para a lição ficar sabida.

Tive explendidos professores. Não encontrei melhores; tão bons, talvez; melhores é que nunca. É com saudosa admiração que me lembro deles. Não devera citar nenhum, mas um havia que muito gostava de ouvir: — o de História. Era atarracado e forte, de ombros largos, cabelo castanho, bigode merovingio, andar pesado, sólido, gesto brusco e voz timbrada. Narrador extraordinário a História tornava-se um maravilhoso fluir de acontecimento e factos, cheios de vida animada e palpitante. Viviamo-la: enjoamos nas caravelas da maravilhosa aventura de dar novos mundos ao Mundo; empapamos as areias ardentes de Alcácer-Quibir com o nosso sangue generoso, derramado por um sonho; de braço com Danton gritamos abaixo a tirania; trememos sob o olhar frio e gélido de Robespierre; esbanjamos milhões do Brasil; desembarcamos no Mindelo; construímos impérios e derrubamos civilizações: Era na verdade extraordinário o professor de História.

.....

É profundamente agradecido ao seu porfiado labor, à sua paciência, à sua amizade, aos seus conselhos, que recordo os meus Mestres, homens bons e leais. A alguns ainda felizmente vivos ligam-me estreitos laços de amizade. É para mim dia de festa, aquele em que tenho a honra de os cumprimentar, tal o prazer e reconhecimento que sinto ao vê-los. Longa vida lhes desejo.

Entre os Alunos do Liceu reinava camaradagem. Grandes e pequenos, com um ou outro cascudo à mistura, viviam na melhor das harmonias, o que não quer dizer que uma ou outra vez, se não pegassem. O motivo era quase sempre o mesmo: o jogo da bola. Ninguém gosta de perder e daí, a canelada, a rasteira, o estalo e o insultinho entremeado, que surgia na hora própria, vivo, saltitante, luzidio, como sardinha poveira.

Mas eram raros os barulhos; havia harmonia e amizade.

Alcunhas eram a granel. Verdadeiro ferrete algumas. Recordo-me que minha Mãe, procurando saber como me tinham corrido as provas do segundo ano, preguntou a um colega meu:

— Como decorreram as provas do... e declinou a minha identidade.

— Não conheço, minha senhora.

— Não anda no segundo ano?

— Lá andar, ando, mas não conheço.

Achou estranho, pensou e disse para o pequeno:

— Não conhece o Nica?

Se conheço; não decorreram de todo mal; deverá passar.

Ninguém me conhecia senão pela alcunha. Já for-

(Conclue na última página)

Pequena Evocação "Nicolina,,

Por **A. GARIBÁLDI**

Ribombavam os bombos. E a cidade,
Toda suspensa em nossas capas negras,
Tinha o ar juvenil das toutinegras,
Na embriaguês da sua alacridade.

Vinham ver-nos as Damas, às janelas,
Tomar as maçãzinhas de oiro e flor:
Ardendo, em cada lança ia o Amor,
E vinha o Amor, a arder, dos olhos delas...

Do velho burgo, as casas brazonadas,
Como sabiam ser — punhos de rendas —
Serviam-nos lautíssimas merendas,
Deixavam nossas almas encantadas.

Era uma Festa que não tinha par.
(E certamente, agora, ainda o é).
Os corações enchiam-se de Fé,
Era doce viver, sonhar e amar.

Sabe bem recordar isso que foi,
Pelo aroma inefável que transmite.
Mas sabei (mesmo que não acredite)
Que essa lembrança do passado dói:

— O que importam, porém, as nossas cãs,
Que guardam cinzas da fogueira extinta
Da Festa que não há ninguém que a sinta
Sem ter desejos de voltar atrás?!...

Outono 70

PÁGINA DE MEMÓRIAS

(FRAGMENTOS)

ANEDOTA DO FIM DO SÉCULO...

1898-1899!...

Por MANUEL DE BOAVENTURA.

REMOTA saudade dos tempos que não voltam!

Eu tinha regressado da Região de Leiria, três meses antes, onde havia prestado provas de instrução primária.

Quis meu Pai inquirir das minhas vocações e sentenciou:

— Então vais, com os primos, para o Liceu de Guimarães, onde há óptimos professores. É que, entre eles, alguns amigos tinha.

Preparado o enxoval — *alea jacta es,* p'rá frente é o caminho!

.....

Dos lados da ribeira Cávado, «onde a terra acaba e o mar começa» a estudantada ia entrar no combóio, em Barcelos: boa meia dúzia, ou talvez mais, ge bisonhos rapazinhos lá ia à aventura, na ânsia de armazenar um mínimo de conhecimentos, que os alçapremasse entre os conterrâneos analfabetos: — os dois Rêgos, meus primos (Anselmo e Eduardo) já veterados promovidos à 2.ª classe; o magriço Manuel Morgado, que chegou quase a general; o Caninhas, de Goios, um esgrouviado, que parecia só ter pernas — o «Pernas a granel»; o Mendanha, de Fonteboa, janota e desempoeirado, que foi parar ao Brasil; e, a ladeá-los — eu, um magrizel — que alimentava a veleidade de que ia fazer tirocínio para as Belas-Artes.

Sonhos azuis! Sonhos cor de rosa...

.....

Pouca-terra, pouca-terra — dizia o combóio!

.....

Adiante, em Vilanova, entrou na carruagem, um anafado camarada, de proporções abaciais — o Rodolfo Aguiar, que havia de chegar à alta magistratura — sempre risonho e chalaceador, a faceciar e a peguilhar com todos.

.....

Mais além, em Lousado, era força mudar de combóio, para a via reduzida e dar entrada a um bisonho rapazinho da terra, que aparentava 10 ou 11 anos — o Manuel Gonçalves C..., tão miúdo que junto dos «grandes» que nós iamos sendo, não passava de rapaguinho, à beira de rapagões!

Rapaguinho insignificante que cedo manifestou a forte coloração da massa çinzenta que evoluía com regularidade a armazenar ciência, a embrenhar-se nas altas teologias bracarenses, a brilhar na literatura, no doutoramento, na cátedra, no purpurato...

O insignificante rapazinho de 98-99 tornou-se o mais eminente dos Lousadenses de todos os tempos e é hoje — felizmente ainda vivo — o mais alto expoente da Igreja em Portugal: — Sua Eminência o Cardeal Cerejeira, que tive a honra de ter por companheiro de carteira, nos dois primeiros anos liceais de Guimarães: Manuel Gonçalves n.º 15, Manuel Joaquim n.º 16.

.....

* * *

Outra notável celebridade do meu curso que se distinguiu na Medicina, nas Letras e nas Artes Plásticas, era também um insignificante rapazinho e tão miudo, que era o mais pequenino do curso, tinha o n.º 1, da meia centena. Chamou-se Abel Salazar — por fatalidade prematuramente desaparecido, mas que deixou, na estirpe intelectual nome imorredoiro. O pequenino n.º Um morreu como Grande a Portugal!

* * *

Entre todos os Mestres — o Sanches matemático, o volumoso Bacelar, o Vasconcelos diplomata, o Leite de Faria, que deixou a Cátedra, que honrava para ser Bispo de Bragança — e outro — o Zé Maria Gomes, o famoso Cónego José Maria Gomes era o mais popular, o mais querido da «rapaziada brava», como ele nos classificava, e um dos mais competentes.

Grande conhecedor dos meandros da Lingua Pátria, ninguém a sabia ensinar com mais proveito.

Saía-se da sua sala a saber interpretar e ortografar os vocábulos dos mais simples aos mais complicados. E para além, ainda substanciosa pedagogia, sabia amenizar as lições com espirituosas, humoradas e anedotas a caracter.

A's vezes, as próprias anedotas, nasciam na sua aula.

* * *

Naqueles tempos, a ortografia andava pejada de peguilhos e pletórica de embaraços com os ph, os th, as consoantes geminadas, os cc, os ff, os pp, os tt, com o grego Y, de permeio.

Quando havia ditado, cada um de nós tinha o seu caderno — in-quarto — para registar os vocábulos que o Mestre ditava, a um dos alunos chamados ao quadro preto, selecionados ao longo das páginas do livro de leitura. Bastas vezes isso dava origem a cenas cómicas, premiadas com gargalhadas do professor e dos alunos. Uma pândega!

Ora o estado maior dos cábulas estudou maneira de acudir ao camarada da lousa, com a sinalética dos dedos espetados contra a testa ou a cofiar o cabelo, quando se tratava de consoantes geminadas.

Mas o Manuel Gonçalves, o Gonçalvinhos de Lousado, serioso e alheio a falcatruas, tinha por hábito estar em constante contemplação nas páginas do livro, apoiando a cabeça a dois dedos da mão esquerda

Ora um dia foi chamado ao quadro preto, um rapaz do termo de Santo Tirso — o Joaquim Lemos, que disputava a vida através da luneta de Pangloss. Cara alegre e tudo a correr bem... Zé Maria chamava-lhe «Beócio».

O quadro já estava meado de palavras, palavrinhas e palavrões quando o Mestre, depois de ter ditado filosofias e teologias, ordenou — Café.

Café — disse com os seus botões o bonacho Joaquim: ou bem, ou nenhum! E deitando o canto do olho para a sala, lobrigou os dois dedos do Gonçalvinhos de Lousado a segurar a cabeça, e... zás! escarrapachou: — Caffé!

A malta sorriu de leve e o Professor, no hábito de olhar por cima dos óculos, fitou a lousa e o seu aluno e soltou estrondosa gargalhada:

— Que diabo de café é esse, ó Beócio?

Joaquim não era homem para temores: olhou para a sua escrita e sorridente, fitando o Professor, disparou:

— É café forte!

Ocarinada em ré-maior ecoou na sala estrepitosa gargalhada que o Mestre sublinhou em profundo fabordão, digno de Frei-Tonel:

— Forte, hein! do que tu gostas! Põe agora aí à beira, Café, do que se dá às mulheres, por causa dos nervos.

O Joaquim tirsenss voltou-se para o quadro e escreveu:

— Café!

— Ora dize lá: que diferença há entre os dois vocábulos?

E logo o camarada Beócio informou, apontando com o dedo:

— Este é café bom, para homens; e este é fraquelinho, para mulheres...

PREGÃO DOS VELHOS

Oiço uma voz ao longe, lá muito distante,
Recitar outra vez meu primeiro Pregão
E lembro com saudade os tempos de estudante
Em que eu ainda era novo, alegre e folgazão.
Vem da noite dos tempos, tal como um fantasma,
Envolto numa capa a esvoaçar ao vento;
Falando à multidão que, de repente, pasma
Com tão maravilhoso e inédito evento.
Dediquei-o aos velhos o Pregão que indico
E tinha com certeza piada e graça a esmo;
Pois este também eu aos velhos o dedico
E dedicando-o aos velhos, dedico-o a mim mesmo.

O Pregão da Saudade, este que agora ouvis,
Feito só de lembrança, evocações de outrora
Foi para vós, ó velhos, que eu assim o fiz
E jovens vos sentísseis todos nesta hora.
Vinde todos comigo à Câmara, ao Liceu,
Depois pela cidade inteira anunciando
Que o bom São Nicolau ainda não morreu
E continua alegre e vivo em nosso Bando;
Talvez 'inda ali estejam velhos professores
Aguardando (quem sabe?) ouvir este meu canto,
Cónegos tão ilustres, sábios e doutores,
Figuras ancestrais que não vemos há tanto.
Aí estará, amigos meus, o corpo inteiro
Da docência mais alta, as figuras mais gradas:
Cónegos... Zé Maria, Sanches e Ribeiro,
Vasconcelos e outros, almas bem formadas
Que o tempo emoldurou a ouro e a marfim
Na galeria das ciências e das artes,
Com suas prelecções doutas, quase sem fim,
Com suas anedoctas e com os seus «àpartes».
Mestre José de Pina, o bravo Comandante
Dos «Voluntários», esse exemplo bem perene
De amor à humildade e que a gente radiante
Via sair da aula ao toque da sirene
Por assim termos meio feriado mais;
E do Jesus Gonçalves ainda a «gonga» histórica
Ouçais anunciar batalhas infernais
E o Dias Pinheiro a ensinar retórica
— A boca em movimentos certos, ruminais —
O Doutor Aventino das latinas andanças
A verberar o «Burro», o nosso auxiliar;
O Torres mais o Santos e outras feras mansas;
Do «pessoal menor» o seu chefe exemplar
«Xico Galhetas» sempre um tanto autoritário,
Ali estará também hirto como um fiscal
O Senhor Amorim, o quase Secretário.
Ali estarão talvez os mártires maiores
Da nossa irreverência: de canto coral
Como um tal Godofredo — os nossos professores —
Que nos perdoem tudo e não nos queiram mal.

E dobremos agora aquela esquina além
P'ra visitar a boa Senhora Aninhas,
Nossa Madrinha e mãe;
Bem merecedora é de duas palavrinhas
Por quanto nos amou, nos aturou também.
Andando um homem «liso», sem tostão
Sempre a qualquer fiou uma onça de tabaco
Virgínia ou Superior... «ferravamos-lhe o cão»
E aquele coração tão doce, humano e fraco
Nunca exigia aquilo a que tinha direito.
Sentemo-nos à porta em carcomido banco
Perguntemos-lhe como vai, o que tem feito
Mas shiu! Ninguém lhe diga mal do João Franco.

Passemos depois à porta do Sampaio
E volvamos atraz setenta e cinco anos
Ei-lo moço, viril, audacioso, olhai-o
À frente de outros não conformes veteranos
Embrulhado na sua capa de estudante
Soltar impetuoso o grito de revolta,
Ipiranga de luz, fantástico, empolgante
Contra o torpor do pântano onde à volta
Da nobre academia o ânimo esmorece.

Prestemos ao seu gesto de ressurgimento
Da Nicolina festa o preito que merece —
Homenagem maior do nosso pensamento.

Entremos a seguir ali todos à Praça
Na tasca da Pescoça ou noutra em que vos mande
Para comer presunto ou para «beber cachaça»!
Vamos todos às posses que o apetite é grande,
Matar a sede com o «Verde» do tonel,
Comer figos e nozes, br'oa tão fresquinha
Que sabe que nem canja ou mesmo que nem mel!

Agora o Sol lá cai... a noite se avizinha
Que ceias, Santo Deus, que regabofe, ó céus!
Até tarde, alta hora, em fúria epicurista
A saborear pitéus,
Pratos da nossa lista
Cá fora a noite possui magia infinda...
Vamos fazer à lua uma outra serenata
De todas a mais linda que se fez ainda
Sob um luar algente, líquido, de prata.

Então? Olhai que já são horas da novena!
O frio aperta mas um coração ardente
Não teme da intempérie nunca a dura pena...
Vamos viver a vida como antigamente,
Ouvir de novo até o ralhete dos pais
Que estroinas nos achavam, isto cada vez
Que a gente lhe pedia uns tostões a mais,
Com a mesada gasta antes do fim do mês
E o madrigal gentil à leda sopeirinha?
«Vem cá minha flor, caso a gente se entenda,
Se vieres a ser minha,
Hei-de dar-te uma prenda».
Vamos jogar à bola todos para as Hortas
Quais internacionais, «Pingas» em potência
Pôr os sapatos rotos, de biqueiras tortas,
Pedindo solas novas com toda o urgência
Vamos ao Benlhevai torcer pelo Vitória
E ao Afonso Henriques para ver o Charlot
E os cow-boys, essa tão velha história
Mais tarde à «Amorosa». «O Vitória ganhou!»
Ao Jordão ver um filme de Diana Durbin
Lembrai-vos dela acaso? E da Linda Darnel?
Aquilo é que era meus velhos, aquilo sim!
Eram estrelas mil, imagens de papel
Forrando as paredes do nosso quarto — o céu —
Em poses provacantes,
De perna e peito ao léu...
Enfim, enfim, enfim!... Manias de estudantes...

Vamos de novo dar o lindo pomo de ouro
A's damas desta terra como dantes!
A's «Danças» a seguir, cantar todos em coro
Nossos tão joviais e lúdicos descantes!

Folgai, velhos, folgai! Matai-me essas saudades;
Da mocidade a cândida e mimosa flor
Exala aroma ainda em todas as idades,
Conserva até à morte um pouco de frescor.

E' tempo de acabar! Termina este Pregão
Da forma costumada, a toques de Zé P'reira,
O bombo bem seguro apenas numa mão,
Na outra a maçaneta ao alto, bem certeira.
Vamos todos ao Cano, lá onde o Pinheiro
Nos espera como há tantos e tantos anos,
Impante de alegria, eterno galhofeiro.
Nos zabumbas batei, garbosos e ufanos,
Cada um de vós seja bom executante
E Nicolau no Céu há-de ficar contente.
Batei, velhos, batei com ânimo constante
Mostrai que ainda tendes força no batente!...

Novembro de 1970.

Joaquim do Amaral Pereira da Silva.

SONHANDO...

(Conclusão)

mado ainda alguns havia — e ainda há — para quem sempre fui e serei sempre o Nica.

Sobre as Nicolinas os critérios divergem; há quem goste e não goste. Foi, é e será sempre assim. Só o que tem vida interessa e é discutido. No meu tempo protestava o estremunhado pelos zabumbas, o protestante oficial, que sempre houve e haverá e alguns mestres que consideravam as Nicolinas fonte perene de cabulice:

— entretidos com as festas os rapazes não estudam, não rendem.

Não tinham totalmente razão. O rendimento era idêntico para o abelhudo que não engrossava o cortejo do Pinheiro, não entrava nas Posses e Roubalheiras, não dava a Maçã, não se sarocateava nas Danças, e o que as tinha vivido intensamente. Era igual. Não são oito ou dez dias que poderão influir no aproveitamento de um ano. Um pouco mais de trabalho para a recuperação do tempo perdido e, após o ritmo costumado de aprender tanto quanto possível, com o menor esforço.

Mas se houve — e há — quem não goste das Festas dos Estudantes, a população de uma maneira geral, acarinha-as; gosta da sua alegre e original tradição. Sempre houve e há quem lhes dedique profunda dedicação.

Quem poderá esquecer José de Pina e seu fervor nicolino? Quem se não lembra de Jerónimo Sampaio, pregoeiro e ensaiador? Quem desconhece o entusiasmo de António Faria Martins, fundador da Associação dos Antigos Estudantes, associação que estruturalmente assenta nas Nicolinas? Do entusiasmo do eng. Helder Rocha e do Graça?

Se o cortejo das Maçãzinhas é o querido por excelência, pelo simbolismo e cor, se nunca esquecerei a posse do Bate-Folhas, de rabo ao léu, é o Pinheiro que tem o condão de atrair os velhos nicolinos. Chegam de perto e de longe e sabe Deus, muitas vezes, com que sacrifício. Mas então. Porquê? — E' uma lufada de ar fresco, um grito de mocidade, quando a Mocidade há muito já se foi. Só por um momento, arranca o Pinheiro o homem à vida. Irmana-o, fá-lo voltar aos bancos, sem peneirices da escola e leva-o em franca e amiga camaradagem, de baqueta em punho, a arremeter contra o bombo, que coitado, quando bem zurzido, grita:

Bum... Bum... Bum...

Nem BUM dirá no final: rebentado, esbeiçado, é muda testemunha de um momentâneo Sonho de Mocidade.

.....

Na manhã seguinte, no alforge, grão minúsculo de esperança e sonho... se sonhos ainda lhe são permitidos.

João Mota Prego de Faria.

Comissão organizadora das Festas em 1895

Presidente
Alberto Cardoso Martins de Menezes (Margaride)
Vice-Presidente
Fernando Afonso (Lindoso)
1.º Secretário
Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio
2.º Secaetário
Gaspar de Sousa Mascarenhas
Tesoureiro
José Luís de Pina
Vogais
Adelino Leite de Faria
António Correia Machado
António Leite de Castro
Augusto Alves Pereira
Domingos Ribeiro
Francisco Martins Ferreira
Francisco Neves Pereira
João Campos da Silva Pereira
José de Almeida Júnior
José Sarmento
Luís Ribeiro Martins da Costa (Aldão)
Manuel Bernardino Gonçalves da Câmara
Rodrigo António de Sousa Barbosa
Serafim Fernandes de Lima

Comissão organizadora da Festa dos «Velhos» em 1920

Adelino Jorge (Dr.)
Adelino Leite de Faria
Alvaro Ferreira Oliveira
António do Amaral (Dr.)
António Leite de Castro
Alfredo Correia (Padre)
Carlos Abreu
Fernando Chaves (Dr.)
Francisco Chaves
Francisco Silva (Padre)
Januário Lopes de Sousa
Jerónimo Sampaio
João Campos
José Pina
José Roriz
Mário Cardoso

Comissão organizadora da Festa dos «Velhos» de 1945

(Bodas de Ouro)

José Luís de Pina
Jerónimo R. Costa Sampaio
Adelino Ribeiro Jorge (Dr.)
António Faria Martins
Fernando Lindoso
Aprígio Neves de Castro
Luís Filipe Coelho
Artur Fernandes de Freitas
Fernando Jordão
Augusto Luciano Guimarães (Dr.)
Antonino Dias Pinto de Castro
Francisco Pereira Mendes
José Pinto Rodrigues (Dr.)
Francisco de Matos Chaves

Comissão de 1970

Direcção da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães

Presidente
Eng. Helder Lemos Rocha
Vice-Presidente
José Maria Gomes Alves
1.º Secretário
Antonino Dias Pinto de Castro
2.º Secretário
António Cardoso Rodrigues
Tesoureiro
Aníbal Dias Pereira
Vogais
Casimiro da Silva Lopes
José Augusto Vaz da Costa

O Produto deste Número Único destina-se à Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães

Editor: **Antonino Dias Pinto de Castro.**

NOTA — Por lapso de paginação a parte final do artigo História de um sobretudo localizou-se em página que antecede o referido artigo.
Do lapso se pede desculpa.

Composto e Impresso na Tipografia IDEAL aos vinte e nove de Novembro de 1970 sob a direcção de Antonino Dias P. de Castro.